

# PERSISTÊNCIAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO POR APAGAMENTOS

## Devires em negativo<sup>1</sup>

*PERSISTENCES IN THE PRODUCTION  
OF SPACE THROUGH DELETIONS  
Becomings in negative*

**Igor Guatelli<sup>2</sup>**

### Resumo

Restar é a possibilidade de ser outro não sendo nem o que era em relação ao que foi apagado, nem o que será em relação ao que se apresenta como novo. Imagem espectral do passado e do futuro, os restos, as restâncias são o indesejável de uma paisagem e lógicas urbanas que os assombram em suas existências mas também são assombradas por eles por persistirem como seu negativo, talvez negação.

Palavras-chave: persistência, apagamento, alteridade, rastro, hospitalidade.

### Abstract

*Remaining is the possibility of being another, being neither what was in relation to what was erased, nor what will be in relation to what presents itself as new. Spectral image of the past and the future, the remains, the remnants are the undesirable of a landscape and urban logic that haunt them in their existence but are also haunted by them for persisting as their negative, perhaps negation.*

*Keywords: persistence, erasure, alterity, trace, hospitality.*

“Um lugar como nenhum outro” [There’s no place like this place] é um filme-documentário, câmera na mão, exibido na 11<sup>a</sup>. Mostra Ecofalante de 2021, uma produção canadense de 2020, dirigida por Lulu Wei, tendo recebido o prêmio do público. Narra a história da destruição - impetrada por uma incorporadora e grande banco transnacionais - de um icônico quarteirão em Toronto, Canadá, historicamente ocupado por uma grande loja de departamento, que tinha o sugestivo nome “Honest Ed’s, vinculado, possivelmente, à maneira como as pessoas de menor poder aquisitivo, majoritárias no bairro de imigrantes, adquiriam as mercadorias; pagavam o que podiam por elas. Foi um lugar que, a julgar pelas estórias contadas e história evidenciada pelas cenas do passado, mostradas em flashback, era mais que um centro comercial; o senso de comunidade e os laços de vizinhança pareciam vir por ela, através dela e, por ela, potencializadas. Simultaneamente, exibe o surgimento de um imenso canteiro de obras para edificação de um conjunto multinacional atualmente em curso.

Moradores, ex-moradores, famílias, CEO da companhia, uma professora universitária de urbanismo, participam do documentário com depoimentos sobre a destruição da memória do lugar e da comunidade, excetuado o jovem CEO, que se dedica, longamente, a explicar as “vantagens” da construção de um imenso complexo híbrido – habitação, escritórios, cultura, entretenimento – para o bairro. Torres altíssimas, garantidoras do necessário adensamento de áreas centrais seriam compensadas, no projeto, pela preservação de um renque de casas e uma alameda interna pública que cruzaria a área, garantindo acessibilidade.

Os malabarismos discursivos sociais e econômicos para justificar tamanho adensamento e verticalização, associando-os à necessária destinação de uma porcentagem das unidades às classes mais baixas, e que seriam de “locação social”, são desmontados, do ponto de vista econômico e urbanístico, pelas explicações da docente da universidade local. Basicamente, ela questiona e desmonta a tese do cálculo do aluguel pela renda média da população de Toronto, afirmando ser ilusório e enganoso, visto que a diferença de renda entre os mais ricos e pobres é abissal. Explicando, resolveu-se que seriam acrescentadas 266 unidades de “habitação de locação social”, cujo aluguel seria calculado como sendo 30% da renda média familiar da população de Toronto, que é de 80.000 dólares anuais, o que levará a aluguéis de 24.000 dólares anuais. Porém, dada a desigualdade social existente, a renda média familiar das classes mais baixas, que são maioria, está em torno de 20.000 dólares anuais.

Gentrificação no horizonte, processo aparentemente incontornável de nossa modernidade (semelhante processo tem ocorrido há um certo tempo em alguns bairros centrais de São Paulo). Abaixo, algumas imagens, fragmentos do filme, mostram a quadra do empreendimento, a política “social” compensatória e os dois edifícios que restaram, ambos atualmente pertencentes à proprietária da livraria, que, segundo ela mesma diz no filme, pretende torná-los um espaço multifuncional, inclusive funcionando como um centro de assembleias do bairro para discussões sobre as políticas públicas em curso e o outro.

O documentário parece ser uma versão miniaturizada do que presenciamos em escala global, sobretudo em metrópoles globais, particularmente em grandes cidades do Brasil, especificamente em bairros da cidade de São Paulo. Cidades que, em função de vertiginosos processos de apagamento e expulsão promovidos pelo mercado imobiliário, e dos perniciosos efeitos de gentrificação por eles gerados, transformam-se em cidades de tapumes, gruas, betoneiras e, como deletério, mas admissível, efeito colateral, barracos. Infundáveis atualizações da figura do *Angelus Novus* da evocado, por Walter Benjamin, como alegoria da “tempestade” de arruinamentos gerada Modernidade. “Neo-haussmannianismos” em uma versão edulcorada, não por isso menos brutais. Entretanto, como também colocado por Benjamin – posteriormente

<sup>1</sup> O artigo é resultado do projeto de pesquisa “Habiter en devenir: autres demeures”, coordenado por Igor Guatelli e financiado pela MSH Paris Nord.

<sup>2</sup> Professor adjunto da FAU -Mackenzie e do PPGAU . Pesquisador associado do Gerphau- ENSA Paris La Villette, laboratoire de Philosophie, Architecture et Urbain. Autor do livro “Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual. Editora Senac” e “Condendadores urbanos: academia Cora\_ Batista. Ed. Mackpesquisa “. Pesquisador com projetos financiados pela MSH Paris Nord.



de como se apresenta. A frase-imagem gera uma exterioridade a partir daquilo que lhe falta como significação plena, um elemento de produção de exterioridades ao que parece próprio da coisa, do signo.

Considerações feitas, voltemos ao filme. Apagamentos da história, da memória, das relações sociais, são promovidos pelo “monumental” empreendimento arquitetônico, ambiciosa proposta de criação de um complexo multifuncional a partir de massiva demolição. Mas, nessa catastrófica tempestade do progresso algo resta. Uma das entrevistadas é uma mulher, antiga moradora do bairro, que adquire o antigo sobrado onde moravam a diretora do filme e sua companheira, proprietária do sobrado ao lado, uma antiga livraria do bairro. São os dois únicos imóveis que não foram incorporados ao empreendimento, apesar de incorporados na maquete final arquitetônica do conjunto, um fragmento da história que restou e que passou a ter uma representação de exterioridade ao que parece ser a nova lógica, a nova “identidade” [interioridade] do bairro. Os sobrados sobram para desvalorizar a mercadoria urbanístico-arquitetônica impedindo a totalização simbólica da novidade, da publicitária “revitalização” da área. Dos escombros, uma imagem persiste, restância do que era e do que se tornou depois da “tempestade” de uma ação arquitetônica e urbanística vendida como progresso. Na maquete publicitária do que será a nova quadra, o novo bairro, os dois sobrados geminados restam como uma fratura ontológica que impede a unidade plena do novo ente, o complexo multifuncional. Na fala da nova proprietária [digno de nota o fato de ser uma mulher, negra], ela fala do imóvel como um possível lugar de resistência, de conscientização e desalienação.

Como mencionado mais acima, em uma das hipóteses para o que restou na quadra, conjectura sobre a possibilidade de formar um centro comunitário para debates sobre esses violentos processos de transformação e de gentrificação do bairro. Essa imagem-fragmento, associada a essa frase-imagem da proprietária torna-se uma alteridade em potência no bairro, um “não-lugar” ao conformismo da história que agora vige, e, por isso, se torna um contra-lugar. Não há não-lugar em si, o não-lugar só se torna negativo se confrontado com aquilo do qual escapa. E, se escapa, passa a ser um contra-lugar dentro da história que o produz. Um lugar-barragem, um lugar que, ao se colocar como uma ligação entre o passado que foi apagado e um presente reluzente do novo complexo multifuncional abre a possibilidade de uma outra experiência histórica, minoritária, menor.

Talvez, por isso, um outro dentro da própria história, mas que permanece suficientemente externo à ela para, numa tarefa quase impossível, reescrevê-la. Dessa fala da mulher, histórica moradora, do bairro, e desse insignificante ente arquitetônico conformado por dois sobrados, uma outra história dentro da história torna-se possível, uma história marginal que corrompe a nova-velha história que parece sempre se curvar às regras e leis impostas pela acumulação capitalista, agora em sua versão neo-liberal.

É dessa fenda onto-teleológica que fragmentos de um mundo arruinado pelas macros lógicas neo-liberais persistem como desvio e chance de um outro sentido na própria interioridade de onde se desprende, dificultando a consumação do todo “harmonioso”. Uma fenda que, paradoxalmente, representa um entrave aos fluxos dominantes, majoritários e naturalizados, os fluxos axiomáticos e dogmáticos do capital. Falando sobre a filosofia da história em Walter Benjamin, em particular sobre seu peculiar conceito e entendimento de “salvação”, onde marxismo e teologia se fundem, Jeanne Marie Gagnebin, especialista na obra do filósofo alemão, diz

[...]Para ele [Benjamin], o mundo está em pedaços e a história se assemelha a um “amontoado de ruínas”. A salvação não consiste em uma recriação inteiramente nova, mas em um longo e paciente

retomado por Deleuze e Guattari, essa tempestade é produtora de fragmentos, de cacos que, gerados pela modernidade – hoje, em sua versão neo-liberal – podem escapar à própria lógica que os produzem e se transformar em imagens de presenças resistentes ao entrar em um outro regime semiológico, o da possibilidade de incômodas coexistências heterogêneas, capazes de falar outramente.

Seguindo, com certa liberdade e distância, o conceito de “frase-imagem”, de Jacques Rancière, diz respeito a fraseamentos, palavras soltas, desgarradas, fragmentos significantes que passam a dizer algo ao se transformarem em imagem de algo. E é, a partir desse momento que “podemos dizer que toda a cena de visibilidade e de invisibilidade de um massacre é completamente transformado” (2021, p.79). Para Rancière “a função da frase-imagem [...] é aquela de uma subversão das relações normais” (idem, p. 78). A frase-imagem seria, portanto, aquilo que sobra como palavra ou encadeamento de palavras que ainda podem dizer ou dizem alguma coisa a respeito de algo que não nos dizem nada. Indo além da noção stricto sensu de fraseamento, estamos diante da ideia de que fragmentos podem deslocar visibilidades, trazendo à tona uma outra dimensão do visível. Se a palavra “pode se transformar em um elemento do visível”(ibidem, p.80), imagens residuais, restos de algo podem se tornar vínculo entre o que deixou de existir e o que pode vir a ser. A frase-imagem se insere, dessa forma, como uma figura de alteridade, como um meio pelo qual a não presença plena permite que pensemos sobre o que ainda resta ser a partir do que a coisa é ou

recolhimento desses pedaços perdidos e dispersos. A ideia de reunificação a partir dos fragmentos não é, aliás, típica unicamente de uma relação mística, atendo-se também aos modelos terapêuticos de origem psicanalítica e a numerosas pesquisas artísticas contemporâneas. Comum a todas essas tentativas é, de fato, a preocupação em não escamotear as rachaduras, as fraturas, as esquizas de que o mundo sofre, mesmo que só se possa falar delas, mas não repará-las”(2018, p.73-75).

### Experiências do escombro

Walter Benjamin vê o desenrolar da história através dos olhos pasmados do anjo de Paul Klee, o *Angelus Novus*, uma forma de falar alegoricamente sobre o furacão da modernidade. Curiosidade, Benjamin adquire esse quadro em uma exposição de pintura em 1920. O anjo da história, segundo ele, abre suas asas e tenta resistir se debatendo contra essa tempestade que o carrega ao mesmo tempo que vai deixando um rastro de escombros.

Os escombros e os detritos são o efeito colateral e o negativo dessa marcha imparável do progresso numa era conduzida pela mercantilização e “mercadorização” do mundo; e a Arquitetura e o Urbanismo não são poupados, ao contrário, são vetores por onde esse progresso alcança seu sucesso. É pelas passagens cobertas de Paris, sabemos, que Benjamin vai teorizar sobre a modernidade ao ver essa lógica de mundo alí miniaturizada. As passagens são uma espécie de mônadas que abrigam, nutrem e fazem essa lógica prosperar. Elas são capazes de condensar e representar esse tempo revolto ao pará-lo configurando-o como uma novidade espacial e programática arquitetônica. São essas passagens que permitem a Benjamin desvelar o progresso como um engodo, uma barbárie na forma de progresso que vai se consumir com a Paris burguesa de Haussmann.

Esses mundos miniaturizados não cessaram de adquirir novas roupagens ao longo do século XX. Mônadas arquitetônicas recicladas e renovadas reciclam a lógica modernizante. Quadras multifuncionais, monumentais complexos e condomínios etiquetados como híbridos são uma dessas infelizes versões monádicas. Mundos à parte, dentro de um mundo que a abriga ao mesmo tempo que a reproduz. Ainda com Benjamin, mundos empobrecidos como experiência do outro pois instituem uma lógica econômica da morada que não favorece a diversidade, a multiplicidade, a hospitalidade ao qualquer um. Erguidos dos escombros dessa tempestade chamada modernidade, esses mundos interiorizados são erigidos a partir da experiência da *tabula rasa*, do apagamento dos resíduos.

Os resíduos perturbam a consumação do mundo harmônico idealizado. O filme canadense nos mostra essa tempestade estancada e materializada como um imenso canteiro de obras, isolado do mundo ao redor a não ser pela presença dos dois resíduos mencionados. Mas, ainda próximos de Benjamin, talvez seja por essa outra economia [*oikos-nomos*, *oikia-nomia*] do abrigo, outras regras associadas à casa, a chance de emergir uma outra ecologia [*oikos-logos*] urbana. Tal como no filme, os resíduos podem retornar como aquilo que vai perturbar e impedir a totalização de um mundo harmônico e ideal sem rachaduras. Esses resíduos podem ser as rachaduras necessárias à coabitação de desarmônicos, a via por onde aparecerá a casa do outro, a casa oferecida ao qualquer outro. Casas que se separam da lógica que tenta apagá-las ou englobá-las para, mantendo-se fundidas a ela, perturbam-na como um abcesso vital à persistência da alteridade na identidade.

### Alteridades na identidade

De que espaço podemos nos ocupar através da Arquitetura? Se Arquitetura tem o espaço como um de seus fundamentos, espaços reconhecidos, moldados, delimitados, por uma técnica, de que e, em que lugar podemos ver, pensar e situar essa técnica e os espaços por ela erigidos? Se falamos de espaços e construção de espaços, falamos de habitar, morada do ser, como já nos provocava Heidegger em sua famosa conferência “Construir, Habitar, Pensar”.

Se há espaço, há representação, representação que ele carrega ao existir ou representação capaz de produzi-lo, subvertê-lo, desterritorializá-lo e reterritorializá-lo, como bem nos coloca Henri Lefebvre ao discorrer sobre os processos de sua produção. Ao mesmo tempo, o que se apresenta, portanto, através desses processos de representação indexados à sua produção e inesgotáveis reconfigurações? Pensar sobre como o espaço pode se apresentar para além de suas representações – formais, simbólicas, significantes, de conteúdo - implica no reconhecimento das forças e fluxos incontroláveis e negativos que o atravessam, que o desvirtuam, que, por vezes, o impedem ou desviam-no do seu ser, sua existência, seja ela predeterminada ou configurada de maneira “positivada” e impositiva.

Que forças e fluxos poderiam ser esses que, agindo em negativo, abririam a possibilidade de uma existência incompleta, em trânsito entre o que é, o que deveria ser e o que ainda pode ser deixando de ser o que deveria ser como prefiguração? Que forças são essas que se fundem ao ente, a um espaço dado e almejado a priori, que o faz não-ser o que deveria ser, ao mesmo tempo que solicita e possibilita que ele seja um outro persistente e resistente a esse algo que deveria ser como ente indexado por uma técnica, por uma técnica arquitetônica e urbanística a serviço de sua moldagem e modulação?

Deixar de ser, não ser, quase ser, poderiam ser situações “precárias”, acidentais, incidentais, de apresentação de um espaço, capazes de burlar, adiar, perverter as destinações e a captura desse espaço por forças e formas hegemônicas, autoritárias, dominantes, verticais de construção e prefiguração de suas representações? Fluxos marginais, precários, minoritários, quase invisíveis, mas já fundidos ao ente espaço poderiam se tornar singularidades intensivas pré-formais que deformam e impedem que o espaço se realize plenamente como deveria? Arquitetura e Urbanismo poderiam passar a ser esse instrumento por onde uma técnica falha ao tentar se realizar como vetor de construção afirmativa de algo? Uma técnica baseada em rompimentos, quebras, des-conexões, desvios, cortes, voltada às figuras/formas contingentes, deslocadas, incômodas. Uma técnica subordinada aos acontecimentos que impedem que o espaço se complete em suas prerrogativas e destinações.

### Não-lugares como lugares do algum outro

Fins como finalidades, finalidades não mais prescritas por um a priori, como um imperativo categórico kantiano, uma duração contínua, sem fim do “em-si-mesmo”. A propriedade, como um imperativo categórico, não permite a alteridade de sua identidade, ela simplesmente perdura sem fim, sem um fim que não seja o de ser próprio de alguém, mesmo inerte, infinita em sua passividade, sem direito a morrer para ser outro. Escreve Byung-Chul Han sobre a infinita duração em Kant:

[...] Assim, a “duração” [*Dauer*] se mostra como uma per-duração [*Fort-Dauer*] sem fim, contínua: “[...] eu quero[...] que minha duração seja sem fim, persisto nisso e não deixo que me tirem essa

crença; pois não me é permitido diminuir nada no mesmo, determina inevitavelmente meu juízo [...]”. O tremendo “interesse” de Kant porta o luto. Ele é nutrido pelo trabalho de luto que consiste em matar a morte. A duração que deve ser “sem fim” não marca nenhuma transcendência. Ela não transcende, a saber, a temporalidade antes da morte em uma “outra temporalidade”. Não se espera em Kant, nenhum outro tempo do outro para além do tempo do si. (Han, 2020)

Se, para Kant, a duração que continua ininterruptamente ao infinito é pura passividade, ou, conforme Han, uma atividade pura que nada traz de estranho ao sujeito, e que, por isso, “não envelhece e não sofre nada”, permanecendo ileso ao próprio tempo, podemos dizer que a noção de *vida activa* de Arendt é sua antinomia; uma ação capaz de deflagrar, no instante de sua ocorrência, o outro de uma identidade supostamente imutável. As chamadas Ocupações, tal como os sobrados da quadra em Toronto, são sobras, restos espectrais que, apropriados, ativam-se como lugares de generalizadas pequenas assembleias, sejam elas movidas pela política, pela cultura/entretenimento ou pela gastronomia.

Lugares reativos fruto da *vida activa*, estão vinculados ao direito de moradia ou de apropriações do espaço público. Desde o instante em que surgem, abrem-se a múltiplas temporalidades e durações da propriedade apropriada ao expropriá-la de sua inércia onto-teleológica. Elas são o lugar onde a morte da finalidade perene e passiva pela ação política-pública de uma vida ativa é a possibilidade do florescimento de uma outra ideia de liberdade do sujeito e de uma democracia por vir, uma democracia que passa necessariamente por uma revisão dos sentidos e significados do que seja estar-junto, um estar-junto não prescritivo, talvez, por isso, proscrito.

Um outro que chega pelo convite ou sem ser convidado, um intruso que chega para partilhar, compartilhar de um lugar que não lhe foi dado, mas que se dá a que chega, abre-se a qualquer um que chega, sem solicitar sua identidade, sem cobrar ou esperar pertencimento. Um espaço, um lugar que estende um convite a qualquer um e o recebe sem cobrar o convite, um lugar de visitação que não cobra convite do visitante, mas simplesmente o acolhe. O lugar não está pronto para recebê-lo ou acolhê-lo, não precisa estar porque ele recebe apenas por ter o dever de se abrir a esse qualquer outro que chega com o desejo de compartilhar; lugares que desejam ser violados, apropriados, expropriados, desapropriados de forma violenta ou não para se constituírem como lugares de hospitalidades inauditas, talvez quase inexistentes ainda. Conforme Derrida,

“Je dis bien « voire du concept dans l’hospitalité » car la contradiction (atopique : folie, extravagance, en grec : atopos) dont nous parlons produit ou enregistre cette auto-déconstruction dans tout concept, dans le concept du concept: non seulement parce que. l’hospitalité défait, devrait défaire la prise, la mainmise (le Begriff, le Begreifen, la capture du concipere, cum-capio, du comprehendere, la force ou la violence du « prendre » comme « comprendre » : hospitalité est, doit être, se doit d’être inconcevable et incompréhensible), mais aussi parce que, nous en avons fait si souvent l’épreuve, chaque concept s’y ouvre à son contraire, reproduisant ou produisant d’avance dans le rapport d’un concept à l’autre la tor contradictoire et déconstruisante de l’hospitalité.” [“Digo “até do conceito em hospitalidade” porque a contradição (atópica: loucura, extravagância, em grego: atopos) de que falamos produz ou registra essa autodesconstrução em qualquer conceito, no conceito do conceito: não só porque a hospitalidade desfaz, deve desfazer o domínio, o estrangulamento (o Begriff, o

Begreifen, a captura do concipere, cum-capio, do comprehendere, a força ou a violência de “tomar” como “compreensão”: a hospitalidade é, deve ser, deve ser inconcebível e incompreensível), mas também porque, como tantas vezes experimentamos, cada conceito se abre ao seu contrário, reproduzindo ou produzindo antecipadamente na relação de um conceito com o outro o contraditório e desconstrutor da hospitalidade” (tradução livre)] DERRIDA, J, 2022, p.148-149 ).

### Lugares de uma hospitalidade [que deveria ser] inominável

Esse lugar hospitaleiro talvez não preexistia à chegada do outro, faz-se justamente pela sua chegada. As estruturas de acolhimento não se antecipam à chegada desse outro, elas passam a existir a partir de sua chegada. Inicia-se, como diz Derrida, uma cultura de hospitalidade justamente pela chegada sem pré-figurações, sem configurações antecipadas, uma hospitalidade que espera a chegada desse outro para transformar-se em cultura. Não há cultura sem o outro, ela depende desse outro que chega para co-operar o lugar, com o lugar, um lugar sem categoria pré-definida, sem o exercício evidente de uma soberania.

Talvez soberanias coletivas que tenham como princípio apenas uma experiência de solidariedade e justiça quase impossíveis, o exercício de receber, acolher, conviver com aquele que me é estranho, desconhecido, tornar possível aquilo do que somos quase incapazes; conforme Derrida, “*L’hospitalité est la déconstruction du chez-soi, la déconstruction est hospitalité à l’autre, à l’autre de soi, à l’autre de “son autre, à un autre qui est au-delà de tout “son autre”* [A hospitalidade é a desconstrução do lar, a desconstrução é a hospitalidade ao outro, ao outro de si, ao outro do “seu outro, a um outro que está além de todo “seu outro” (tradução livre)]. (DERRIDA, 2022, p. 152). Essa hospitalidade dirigida a qualquer outro sobre a qual discorre Derrida, em seus seminários nos anos de 1996 e 1997 na École des Hautes Études em Sciences Sociales, torna-se possível nesse nebuloso território das Ocupações.

Algumas delas com soleiras que, frequentemente, passam a funcionar como ambivalentes limiares entre interior e exterior, um fora de um dentro e dentro de um fora, territórios de invaginações topológicas capazes de fazer com que um fora se torne enclave exterior de um dentro, em um dentro. Boa parte das Ocupações, sejam elas aqui ou no exterior, passa a ser um território do estranhamente inquietante, um ente estranho [*Unheimlichkeit*, “*L’hospitalité comme unheimlichkeit*”, diz Derrida (2022, p.314) ] que não é nem público, nem privado, mas ambos ao mesmo tempo, sem excluir suas contradições. Acolher o qualquer outro sem pré-condição, sem necessariamente convidá-lo ou sem a perspectiva de rejeitá-lo ou assimilá-lo aprioristicamente, sem exigir pertencimentos ou induzir movimentos identitários. Enfim, lugares locais cosmopolitas, enclaves que aglutinam, não apartam apesar de apartados, lugares estranhamente democráticos que se apropriam de um território com objetivo de restituir uma dimensão social a esses mesmos territórios expropriados desse direito, territórios que restituem traços apagados do outro. As ocupações são cidades de refúgio em miniatura, refúgios anti-imunitários [nem o meu, nem o seu], refúgios de contaminações e misturas imprevistas.

“Guantánamos” às avessas, caverna platônica invertida, interiores capazes de iluminar o exterior a partir da penumbra que criam entre o público e o privado, não há retorno ao anterior, não pode haver, tal como no mito da caverna. Esses lugares, apesar também de enclausurados, não são nossas casas, hoje pequenos santuários tecnológicos, alegorias atualizadas da “caverna platônica” onde experimentamos um eterno estar em casa e, ao mesmo tempo, a sensação de estarmos “plugados” no mundo; interiores

de onde parte a “luz” que ilumina o mundo selvagem ou então “cavernas” que abrigam uma população que não deve ser educada e levada ao conhecimento. Ao contrário, talvez sejam cavernas de onde partem conhecimentos, experiências e práticas sobre os significados do que seja estar junto no mundo, do que seja o compartilhamento e a construção comum.

Restâncias de velhas lógicas, contra-lugares por se colocarem como lugares contra obsoletas, elitizantes e perversas distribuições territoriais, tal como a livraria que resiste no filme canadense, as ocupações e congêneres são lugares que não renunciam ao mundo, colocam-no entre parênteses para retornar alterado a ele, alterando-o. Desejam-no como chance de imprevisíveis contaminações, trocas e misturas sociais, pequenas ágoras de presenças anônimas, universais, antídotos às ágoras planetárias das redes sociais portáteis e domésticas. Casas do outro, do qualquer outro visitante, convidado, passante, “penetras” em carne e osso, esses lugares de uma certa deserção da atual modernidade, dionisíacos, tornam-se um antídoto ao gosto da reclusão imunitária, dos lares seguros, aconchegantes e hiperconectados. Como restâncias da cultura do apagamento e da rentabilização da história atual urbana, essas estruturas de recepção do qualquer outro estão intimamente implicadas em um processo que não cessa de produzi-las como restâncias, rastros de rastros, rastros que persistem como rastros de si-mesmos pois não são mais os mesmos ao persistirem e retornarem em outro e “renovado” cenário. Essas restâncias que persistem, que voltam como rastros de si-mesmas, alteradas, identidades e diferenças ao mesmo tempo, devido a essa ambiguidade são capazes de evidenciar velhos vícios da democracia e suas chances de renovação.

Ser outro não sendo o outro em relação àquilo que se contrapõe, mas tornar-se outro justamente por colocar-se como traço daquilo que a produz e gênese de um porvir, ainda inominável. Como talvez dissesse ou reflexão com a qual concordaria Didi-Huberman, autor da obra “Sobrevivência dos vaga-lumes”, as restâncias, persistências e sobreviventes de lógicas majoritárias, aparecem e reluzem justamente porque nada mais restou junto delas, reluzem na escuridão. Com relativo distanciamento do sentido da *ek-sistencía*, do *Da-sein* de Heidegger, a existência realmente autêntica, se é que isso seja possível, ocorre no “Estar à morte” (*Sein-zum-Tode*), no limite, quando se está à beira do desaparecimento, do deixar de ser. A persistência e resistência ao quase inevitável processo de apagamento e do deixar à própria sorte, pode se tornar a chance de um vir a ser outro, traço originário, traço do traço, traço de uma outra coisa ainda em latência, ponto fulcral de uma estética do abandono e de possíveis processos de desalienação, e sobre o qual devemos nos debruçar. Se para Rancière, a política tem uma dimensão estética, podemos dizer que a estética tem sempre uma dimensão política.

Voltando ao título do documentário da mostra Ecofalante, podemos conjecturar que o “lugar como nenhum outro” a que o filme se refere talvez seja aquele que restou depois de nada mais restar, singularidade numa paisagem genérica. “*Quoi du reste aujourd’hui pour nous, ici, maintenant, d’un Hegel*” (DERRIDA, p.7) [“O que resta hoje para nós, aqui, agora, de Hegel”], pergunta Derrida em sua obra *Glas* referindo-se às presenças espectrais entre nós. Transposições devidas, interpretação vulgar e desviada da *Alfhebung* hegeliana, podemos fazer pergunta semelhante nessas situações em que as mínimas existências urbanas restam como presenças espectrais, abandonadas, “soltas”, “desencadeadas” de algo que foi superado, mas, por isso, persistindo como negação, em potência, estruturas de mediação entre elevação a um outro e o risco da anulação. As restâncias são o meio pelo qual é possível questionar o poder do Estado de determinar o que incluir e excluir e, em decorrência, a naturalização do que se considera ou imputa-se como indesejável, a indesejabilidade como uma questão política. Como efeito colateral, a divisão do mundo em, por um lado, aquele que

julgamos desejável, ordenado, funcional, limpo, do outro, um mundo do abandono, das ruínas, fantasmáticas e frágeis persistências. Mostram-nos, entretanto, um entre-mundos possível.

## Referências

- ARENDR H. A Instrumentalidade e o Homo Faber. In: *A Condição Humana*, 2014, pp 474.
- DERRIDA, J. *Hospitalité*, vol II. Paris, Éditions du Seuil, 2022.
- DERRIDA, J. *Glas*. Paris, Galilée, 1974.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo, n-1 edições, 2018.
- HAN B.C. Ética da sobrevivência. In: *Morte e Alteridade*, 2020, pp 100-101.
- HAN B.C. Morte e Infinitude. In: *Morte e Alteridade*, 2020a, pp 171 - 294.
- RANCIÈRE, J. *O trabalho das imagens. Conversações com Andrea Soto Calderón*. Belo Horizonte, Chão da Feira, 2021.